DF - Lixo

Trabalho, dignidade e saúde

COM AJUDA DO GOVERNO E DE EMPRESAS, CATADORES DE PAPEL FORMAM COOPERATIVA

Nelza Cristina

Do improviso do cerrado para a casa própria e um trabalho organizado foi um longo caminho percorrido por cerca de 150 famílias de catadores de papel. Depois de anos vivendo em uma invasão no Setor de Clubes Sul, próximo ao Palácio do Planalto, eles formaram uma cooperativa e mudaram para loteamentos regulares. Alguns, ainda sofrem com a falta de moradia, mas a maioria conquistou a tão sonhada estabilidade no trabalho e residência.

A Cooperativa de Reciclagem, Trabalho e Produção (Cortrap) surgiu de um esforço integrado entre os catadores, órgãos do governo e empresários. Com o apoio das Secretarias de Ação Social, Habitação e Meio Ambiente, do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua e da Novo Rio Papéis, eles hoje contam com um lote no Setor Complementar de Indústria e Abastecimento, na Estrutural. Conseguiram, ainda, três caminhões e quatro Kombis, dando fim às antigas carroças que circulavam pela Esplanada dos Ministérios.

Contando os familiares dos associados, a Cortrap hoje trabalha com 740 pessoas. E o melhor: está eliminando o trabalho infantil. Agora, os pais vão para o trabalho e as crianças para a escola. No Recanto das Emas o governo instalou 38 famílias. Mais de 30 vivem em Águas Lindas (GO) em lotes que compraram com muito esforço. Outras 38 estão no Paranoá, ainda aguardando a casa própria. O restante vive em Brasilinha (Planaltina de Goiás).

> Somando os parentes dos associados, cooperativa dá trabalho a 740 pessoas

"Montamos a cooperativa há apenas dois meses e ainda temos muito o que organizar", explica o presidente da Cortrap, o baiano de Barreiras Lindivá José Santana. Por enquanto, o lote de 4,2 mil metros quadrados foi apenas cercado com um muro - cortesia da Novo Rio Papéis, que adquire o material reunido pelos catadores. Faltam, segundo Santana, pelo menos um galpão para separação do material, uma cantina e uma estrada melhor que leve ao lote. Hoje, o caminho é de terra.

Para a secretária de Habitação, Ivelise Longhi, esse tipo de ação integrada minimiza o risco de formação de novas invasões por estas mesmas pessoas. "Agora, eles têm um local correto de trabalho", comemora. Segundo Ivelise, este é um exemplo de como deve ser feita uma remoção, respeitando o ganho de vida de todos os envolvidos.

Os catadores, porém, ainda não estão totalmente satisfeitos. "Falta o Salub, por exemplo, recolher o lixo com maior regularidade", afirma Santana, um ex-motorista de caminhão que há dois anos e meio resolveu viver como catador. "Primeiro eu assustei e fui embora, mas depois voltei e resolvi batalhar para organizar esse pessoal", conta ele.

Quem melhor define o que representa hoje a cooperativa é a catadora de papel Cícera Aparecida. Mesmo sem querer saber de muita conversa, ela afirma que foi a melhor coisa que já aconteceu em sua vida: "Hoje, temos trabalho, dignidade e saúde".

TONY WINSTON

FAMÍLIAS *retiradas de invasão no Plano Piloto têm casas e um lote para depositar o material reciclável*

Separadores só vão para casa no fim de semana

Mesmo com a situação organizada, a vida dos catadores ainda não é fácil. Os que se encarregam da separação do material, em geral, vão para a cooperativa na segunda-feira e só voltam no sábado. Tudo para economizar o dinheiro da passagem.

Para garantir uma renda de cerca de dois salários mínimos (R$ 302), eles precisam trabalhar muito. Para se ter uma idéia, um quilo de jornal rende R$ 0,04, e um quilo de papelão, vale R$ 0,05. O papel recolhido na Esplanada, folhas brancas usadas nos órgãos do governo, vale mais (R$ 0,17), mas para juntar uma tonelada é preciso investir uns dois ou três dias de trabalho.

Os catadores recolhem o material diariamente e juntam próximos aos contêineres de lixo na Esplanada para que seja recolhido mais tarde pelos caminhões. "Se tivéssemos mais veículos poderíamos ter mais pessoas trabalhando", diz Lindivá José Santana, presidente da Cortrap. O material recolhido é levado para o lote na Estrutural e separado - papel, papelão, garrafas pet, latas.

"No cerrado eu tirava uns R$ 70 por semana, mas agora melhorou porque estamos no que é nosso", afirma Bento dos Santos, 58 anos, outro baiano de Barreiras, que veio para Brasília há seis anos. Pai de dez filhos, Santos fugiu da seca , vendeu uma terrinha que tinha por lá e veio trabalhar em Brasília com o lixo. Hoje, tem sua casa no Recanto das Emas e só lamenta a violência na cidade.

"Venho para cá e fico a semana toda muito preocupado com a mulher e as crianças", conta ele, que trabalha na Cortrap com dois filhos e um genro. Seus planos, agora, são de colocar um telefone em casa para facilitar o contado com a família.

Maria Lúcia da Conceição, 32 anos, também veio de Barreiras (BA) há oito anos. Ela só lamenta não ter ganho um lote nos programas habitacionais do governo. "Tive que comprar um lote em Águas Lindas e agora tiro R$ 90 da boca das crianças todo mês para pagar a prestação", diz ela. Maria Lúcia afirma que não veio para Brasília com intenção de ganhar lote, mas considera que tinha mais direito que outros beneficiados. "Em Brasília as crianças vivem melhor, porque ainda temos condições de sobreviver". **(N.C.)**